
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistemática

TRIMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 4, julho a dezembro de 2006

**O LUGAR DA RELIGIÃO NA *NOOSFERA*: UM DIÁLOGO ACERCA DA
COMPLEXIDADE COMO POSSIBILIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

André Luiz Portanova Laborde¹

Humberto Calloni²

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de promover a discussão acerca da complexidade e sua compreensão sobre o fenômeno religioso em uma tentativa de verificar seu espaço na noosfera enquanto ambiente de possibilidade de investigação em torno à ciência. A partir de uma breve análise sobre a realidade noosférica encaminha-se uma tênue relação em favor do estudo da religião e sua aplicabilidade a respeito de sua função ao devir do ser humano.

Palavras-chave: Complexidade, Noosfera, Realidade e Religião.

ABSTRACT

The article following have purpose to mark out a discussion around of the complexity and their comprehension about religious phenomenon in a trying to verify them space in the noosphera as long as environment of investigation possibilities around to science. To follow a soon research about noospheric reality to mark an approach relation in favour the religion studies and their applicability for respect of function to the intimate human being.

Keywords: Complexity, Noosphera, Reality and Religion.

¹ Licenciado e Bacharel em História; Especialista pelo curso de Pós-graduação “Rio Grande do Sul”: Sociedade, política e cultura; Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande; Bolsista de Aperfeiçoamento CAPES.

“As metafísicas prolongam as religiões, as cosmogonias e as magias. Portanto, o prolongamento antropológico da metafísica é também o prolongamento da atitude mitopensante que se realizou por meio das magias, cosmogonias, religiões e metafísicas”.

Edgar Morin

Considerações Iniciais

A religião enquanto sistema cultural e simbólico apresenta um caráter bastante peculiar em relação à análise e investigação na ciência. A religião reserva um espaço à discussão ao transcendental, ao sagrado, em uma tentativa de abarcar o enfoque envolto de tênues ligações ao sentido da vida como também do papel do ser humano nesse processo. Dessa maneira, entendemos que a abordagem de Edgar Morin, o pensamento complexo, irá nos fornecer subsídios para essa possibilidade de aproximação.

No entanto, percebemos que a realidade que circunda a noosfera apresenta uma compreensão metafísica que não pode ser descartada, para tanto se faz necessária à visualização do lugar reservado à religião nessa abordagem. Partiremos do pressuposto que considera a religião como sistema cultural para poder refletir a respeito da relação dialógica entre espírito e cérebro, perpassando pelos mitos – elementos da consciência – realizando um diálogo com o pensamento complexo e a questão que se debruça ao redor do sagrado.

Para tal reflexão abordaremos em torno “das idéias” (título do método quatro de Edgar Morin) como forma de fundamentar a justificativa da investigação entre a mediação acerca do espírito vinculada a religião e a complexidade. A partir de uma proposta transdisciplinar se torna mais coesa a análise que se pretende focar, o reconhecimento, ou melhor, a possibilidade de galgar um espaço que inclua a religião nessa realidade da noosfera.

Percebendo a Noosfera: o palco das possibilidades

² Professor do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento (DECC/FURG); Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS; Coordenador do Programa de Pós-

Primeiramente, é necessário trazer a luz o esclarecimento de dois conceitos que propiciam conflitos e consideráveis confusões em relação à compreensão de duas realidades diferentes, as quais, de certa maneira, se reportam ao entendimento total do estudo. São elas: Noogênese e Noosfera.

O termo '*Noogênese*' (do grego *noos*: *mente - alma, espírito, pensamento, consciência* - e *gênese*: *origem, - formação, criação, como a criação do mundo*), é uma expressão que indica o ato da criação de qualquer coisa relacionada ao psíquico. Por outro lado, o termo '*Noosfera*' (do grego *noos*: *mente* e *sphera* - *corpo limitado por uma superfície redonda*) é uma expressão que representa a camada psíquica nascida da Noogênese que cresce e envolve nosso planeta acima da *Biosfera* (*camada formada pela multidão de seres vivos, que cobre a superfície do globo*). Tendo bem claro essa identificação, podemos seguir adiante a respeito das possibilidades que envolvem a noosfera.

A Noosfera, portanto, é o resultado da Noogênese; uma camada mais madura, em crescimento e definitiva, estabelecida pelo conjunto do pensamento do ser humano (*Homo Sapiens*). Ela está aberta a todas as transformações sutis, desde o estado primitivo até a abrangência de todo o conhecimento humano, às idéias e às tecnologias cada vez mais complexas, ou seja, uma vez que abriga toda a consciência planetária.

As representações, símbolos, mitos, idéias, são englobados, ao mesmo tempo, pelas noções de cultura e de noosfera. Do ponto de vista da cultura, constituem a sua memória, os seus saberes, os seus programas, as suas crenças, os seus valores, as suas normas. Do ponto de vista da noosfera, são entidades feitas de substância espiritual e dotadas de certa existência". (MORIN, 2001:139).

No que tange o reconhecimento da noosfera, identificamos dois espaços a *Super-realidade* e a *Sub-realidade*. A super-realidade se refere à dimensão que abarca as coisas voltadas ao espírito, no sentido de produção e instrumentalização do conhecimento, para fins de imputar às 'idéias' sua tenaz compreensão, enquanto a sub-realidade se atém à realidade do indivíduo na sua esfera cultural e social (Morin, 2001:132). Assim, a essência desse equilíbrio entre super e sub-realidades denota a realidade presente na noosfera que em seu axioma repousa o pensamento complexo.

Nesse sentido, Edgar Morin revela a complexidade não como chave do mundo, mas como um desafio a enfrentar ao redor das questões que atormentam e assolam o ser

humano no planeta, ou seja, mostra a dificuldade do mesmo em visualizar a realidade da vida. Nessa medida, a noosfera pretende proporcionar a emergência de uma atmosfera que realmente assegure o diálogo entre o conhecimento e a cultura sob um prisma transdisciplinar.

“A noosfera não é apenas o meio condutor/mensageiro do conhecimento humano. Produz, também, o efeito de um nevoeiro, de tela entre o mundo cultural, que avança cercado de nuvens, e o mundo da vida. Assim, reencontramos um paradoxo maior já enfrentado: o que nos faz comunicar é, ao mesmo tempo, o que nos impede de comunicar”. (MORIN, 2001:141).

O território da noosfera é repleto, em sua essência, de matéria de natureza espiritual, denotando uma compreensão em torno de uma concepção metafísica que agrega e pressupõe valores sobre deus/mito/idéia. Nessa atmosfera, se percebe uma relação intensa entre o simbólico, representado pela noção de espírito, e pela condição do ser humano vinculado à cultura. Além disso, é possível reconhecer uma relação binômica, indivíduo/sujeito, realizando a intervenção na cultura/sociedade/natureza, predispondo um sistema auto-eco-organizado através de redes, horizontalmente dispostas que versem a respeito da compreensão *total* do conhecimento, onde a complexidade (compreensão) e a mentalidade (impulso) possam dispor de uma abordagem transdisciplinar à investigação crítica da cientificidade.

Nesse sentido, podemos afirmar, ao menos nesse primeiro momento, que é permitido se pensar a existência da “religião” nesse ambiente que circunda a noosfera. Assim, partindo do paradigma complexo, se torna possível estabelecer essa ligação entre o espaço sagrado e profano na atmosfera do conhecimento científico. O que Morin pretende é reincorporar a ‘*physis*’ ao espírito para assim conceber o ‘cérebro (mente) em um contexto dialógico (além) a respeito do diverso/uno promovendo uma discussão ao redor do conceito de noosfera, ou seja, a possibilidade da experiência na realidade noosférica, impulsionando um possível diálogo entre o *céu e a terra*.

O fenômeno religioso e a realidade humana

Em termos de etimologia, religião assume o significado “de aquilo que liga”, mais precisamente, “aquilo que liga o ser humano ao sagrado”, que na maioria das vezes está associada à idéia de deus. A religião, enquanto análise de estudo, envolve o indivíduo

explicando-lhe a natureza e o significado do universo, ou encaminha-o para uma elucidação a respeito do papel e o propósito do indivíduo no universo, em uma tentativa de possibilitar uma compreensão em torno das limitações, entendimentos e terrores dessa realidade (universo).

A religião é, antes de mais nada, uma doutrina da unidade: a figura de deus que em sua realidade superior se apresenta uno, na posição de Criador, Senhor e fim último do universo e do ser humano no universo. É um método de unificação que se legitima por ser um caminho sacramental, um elemento que possibilita a salvação.

“Religião é: um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas”. (GEERTZ, 1978: 104-105)

Entretanto, a religião para ser verdadeira deve sempre agregar tanto a mente quanto a vontade. E nesse sentido, identificam-se elementos que encaminham a uma simbologia constantemente presente na esfera religiosa: doutrina/método, teoria/prática, dogma/sacramento e unidade/união. Tais elementos já se apresentam em um contexto dialógico visando uma “ligação” à problemática da complexidade.

Em relação ao componente da religião onde repousa a questão prática, pode-se também dividi-la em duas esferas: o terreno da *adoração* e a *moralidade*. A adoração como elemento sagrado, assume geralmente um caráter de formação, ou seja, uma intensa participação em ritos que almejam à elevação (públicos ou privados) de determinada crença (religião), com a finalidade à assimilação da vontade do ser humano à idéia simbólica de deus.

No entanto, a moralidade como elemento social, consiste em realizar as ‘coisas’ que de alguma forma regulem uma vontade maior tendo por objetivo apontar a verdade e a conduta acerca das noções de certo e errado. Dentro do universo permeado pelas religiões existem alguns caracteres universais que partilham de uma origem envolta por princípios (não matarás, não roubarás e etc.).

Todavia, não podemos generalizar todas as religiões em apenas um olhar porque cada uma delas se mostra de forma singular e não se esgota aqui a compreensão ao redor do fenômeno religioso. Porém, a priori estabeleceremos como metas em comum na totalidade da reflexão sobre religião, os elementos dogma, adoração e moralidade como

conceitos que balizam e legitimam a ordem e influências expostas pela religião. Essas potências, quando elevadas a um grau mais alto ou intenso, assumem o símbolo associado à verdade, ao caminho espiritual e à virtude.

“Como os deuses, as idéias são seres desenfreados; escapam rapidamente ao controle dos espíritos, apoderam-se dos povos e desenvolvem fabulosa energia histórica. Como pode acontecer de darmos vida a seres de espírito, que lhes ofereçamos, depois nossas vidas e que eles acabem por se apoderar delas? [...] As idéias são ainda mais teimosas e os fatos quebram-se contra elas com mais frequência do que elas quebram contra eles”. (MORIN, 2001:148-149).

É importante realçar que a característica fundamental da religião não é obra do ser humano. A religião não é uma criação, ao menos em sua essência ela é uma revelação de deus. Essa revelação divina é uma condição *sine qua non*; sem ela não existe religião, apenas ideologia produzida pelos sujeitos que a elegem, na qual não há nenhum elemento de salvação ao redor dos problemas do espírito.

Outra importante consideração a ser tecida é referente à tradição. Uma vez revelada, a religião é transmitida, (imutável em sua essência, mas geralmente cada vez mais elaborada em sua expressão) de geração em geração pela força da tradição. Por fim, está intimamente ligada à tradição, à qualidade de ortodoxia, considerada como o princípio da verdade ou, no nível prático, como a representação da atitude devocional.

“[...] As propriedades das partes só podem ser entendidas a partir da dinâmica do todo. Em última análise, não há partes, em absoluto. Aquilo que chamamos de parte é meramente um padrão numa teia inseparável de relações”. (CAPRA e STEINDL-RAST, 2004:11)

Em suma, os conteúdos essenciais da religião compreendem o dogma, a adoração e a moralidade, e seu “continente” presente na idéia de noosfera está representado pela idéia de revelação/tradição. Assim vislumbra-se a presença do fenômeno religioso na noosfera como forma noológica em sua instância mítico-religiosa ampliando a discussão a respeito da realidade.

Considerações finais

O espaço salvaguardado à religião no ambiente noosférico só é possível porque revela uma dimensão que pretende em seu teor versar sobre uma possibilidade de restaurar na “realidade” religiosa uma relação com o cotidiano e com as possíveis investigações na

ciência. Essa percepção ocorre quando podemos visualizar alguns elementos que constituem a religião presentes na relação de autonomia/dependência, no processo dialógico que, de certa maneira, regula a vida.

A adoração, o dogma e a moralidade não são apenas constituintes basilares da religião, essas potências enquanto elementos estão presentes em outras esferas da vida. A determinação da noosfera é em realidade, reconhecer nas idéias, uma representação de mundo – que no entendimento religioso podemos pronunciar: universo – que dialogue com as contrapartes, englobando o todo.

A representação desse espaço que se apresenta como palco de possibilidades para o estudo da religião é na verdade uma reação ao cartesianismo que foi proposto pela ciência moderna. Nesse momento de crise do paradigma se vislumbra outros enfoques e outras abordagens que estabeleceram/estabelecerão mediações entre os diversos ramos do conhecimento científico. A noosfera reconhece essa atitude por transdisciplinaridade.

Essa relação eterna – no que tange a condição humana – proposta entre o céu e a terra, ou melhor, as representações desses símbolos arquetípicos retratam que é possível sua investigação na ciência. É importante sublinhar que se poderia ter tecido uma maior e mais ampla compreensão ao redor da religião. No entanto, ao mesmo tempo, entendemos que essas noções de certa maneira concatenam elucidam de forma geral a essência do fenômeno religioso, ao menos em seu significado primordial.

De qualquer maneira, percebe-se nesse espaço também uma realidade fenomenológica que impulsiona as considerações acerca do pensamento complexo. Segundo Morin, as entidades noológicas duráveis são auto-eco-organizadoras, propiciando esse palco à possibilidade de reconhecimento do estudo da religião nessa realidade. Assim, pensar sobre mito/idéia, espírito/cérebro é na verdade dispor de um conhecimento que compreende também a esfera religiosa vinculada a uma lógica complexa profundamente associada a um paradigma que agrega todos esses valores.

Referências Bibliográficas

CAPRA, Fritjof. E STEINDL-RAST, David. *Pertencendo ao universo: Explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. Tradução de Maria de Lourdes Eichenberger e Newton Roberval Eichenberger. SP: Cultrix, 2004/ Amana, 1991.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. RJ: Zahar, 1978.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinto. RJ: Nova Fronteira, 1964.

MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. São Paulo: Vozes, 2002.

MORIN, Edgar. *X da questão: o sujeito a flor da pele*. POA: Artmed, 2003.

_____. *O método 4: As idéias: habitat, vida, costumes, organização*. POA: Sulina, 2001.